Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v39i147.986
ESTUDOS BÍBLICOS

O profetismo na história:

confluências históricas, sociais e políticas adjacentes ao livro de Oseias

Prophetism in history: historical, social and political confluences adjacent to the book of Hosea

Matheus Eduardo de Oliveira Rocha*

* Mestre e doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, Brasil.
matheusrochaedu7@gmail.com

Recebido em: 30/08/2023
Aprovado em: 17/12/2023

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

Resumo

Tratar do profetismo bíblico incorre invariavelmente em se aproximar da relação contingencial entre experiência religiosa e história. Assim, ao abordar o livro de Oseias, o presente artigo reconhece a necessidade de se enxergar as confluências históricas, sociais e políticas que perpassam seus textos. Entretanto, ao transparecer-se a aparente impossibilidade de tratar tal obra como se fosse circunscrita em um único contexto, surge a tarefa de examinar as características dos diferentes momentos que se mostram latentes em suas perícopes e que marcaram seu processo redacional. Para tanto, tomou-se como método a realização de uma leitura crítica da chamada História Deutoronomista, em diálogo constante com os recentes avanços da arqueologia. Em primeiro momento, retomou-se os primórdios da monarquia em Israel, com foco na ascensão, auge governamental e declínio dos omridas. Na sequência, analisou-se o ápice monárquico vivenciado por Jeroboão II e o enfraquecimento estatal com seus sucessores, em paralelo com o desenvolvimento da realeza judaíta, com ênfase em Josias. Por fim, direcionou-se atenção específica para com a concretude do viver social nos períodos de reinado desses dois monarcas. Nessa perspectiva, o profetismo em Oseias foi visto na complexidade de sua relação com as distintas dimensões da história que o circundou.

Palavras-chave: Profetismo; Oseias; História do Antigo Israel; História da Antiga Judá.

Abstract

Dealing with biblical prophetism invariably involves approaching the contingent relationship between religious experience and history. Thus, when approaching the book of Hosea, this article recognizes the need to see the historical, social and political confluences that permeate its texts. However, when the apparent impossibility of treating such a work as if it were circumscribed in a single context becomes apparent, the task of examining the characteristics of the different moments that are latent in his pericopes

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

and that marked his editorial process. Therefore, a critical reading of the so-called Deutoronomist History was adopted as a method, in constant dialogue with recent advances in archeology. At first, the beginnings of the monarchy in Israel are resumed, focusing on the rise, governmental peak and decline of the omrids. In sequence, the monarchical apex experienced by Jeroboam II and the weakening of the state with his successors were analyzed, in parallel with the development of the Jewish royalty, with emphasis on Josiah. Finally, specific attention was directed to the concreteness of social life during the reigns of these two monarchs. From this perspective, the prophetism in Hosea was seen in the complexity of its relationship with the different dimensions of the history that surrounded it.

Keywords: Prophetism; Hosea; History of Ancient Israel; History of Ancient Judah.

1 Introdução

O estudo das expressões religiosas perpassa, de modo *sine qua non*, à sua contingência histórica. A análise de seu contexto vivencial e cultural, a compreensão das dinâmicas políticas e o olhar atento para com seus aspectos sociais, são exercícios que possibilitam a exponenciação de sentidos advindos daquilo que denominamos religião (CROATTO, 2010, p. 26). Desse modo, a construção da densidade semântica dos textos bíblicos atrelados ao profetismo, tópico elencado na presente pesquisa, com especificidade no livro de Oseias, não se dá sem o estreito laço para com a concretude histórica que permeou seu processo redacional. Com isso, não se propõe uma busca utópica pela *logia* original oseânica, mas antes um descortinar das confluências que perpassaram o(s) mundo(s) do arco de seus redatores, textos e leitores[1].

Por consequência, na aproximação de tal tema, importa indicar, em primeiro momento, que a própria figura idealizada de Oseias é apresentada pelo livro através da relação entre sua atividade profética e um determinado período da história israelita. Já no primeiro capítulo, há uma contextualização de suas palavras nos dias de "*Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel*", possivelmente, referindo-se a Jeroboão II, que governou o último momento de prosperidade antes da queda ante a Assíria (SCHÖKEL; DIAZ, 1980, p. 195; MCCONVILLE, 2012, p. 337). A partir disso, é possível compreender essa personagem, assim como os primeiros que tomaram parte da transmissão de sua tradição, dentro da realidade histórica das alterações sociais e políticas no Israel Norte do século VIII a.e.c (SMITH, 2006, p. 92-93).

No entanto, percebe-se que a mensagem de Oseias não centra sua denúncia ao reinado apenas na pessoa de Jeroboão II, a Israel e nem tampouco a esse momento histórico. No anúncio de 1,4, é mencionado um juízo sobre a "*casa de Jeú*", enquanto referência à dinastia iniciada por tal monarca, a qual parece ocupar lugar fundamental na crítica presente nesse trecho (SAMPAIO, 2000, p. 138). Em conformidade com essa consideração, encontram-se algumas sentenças que parecem remeter-se tanto aos reis que precederam

[1] Referencia-se aqui o importante conceito ricoeuriano de arco hermenêutico, bem como de sua percepção sobre os diferentes mundos presentes em tal trajeto na relação com o texto (autor-texto-leitor). Tal configuração, advinda do primeiro volume da obra "Tempo e Narrativa" (RICOEUR, 2012), compreende pressuposição epistemológica que transita ao longo da presente pesquisa como um todo.

Jeroboão II, quanto aqueles que o sucederam. Por exemplo, há uma lembrança sobre os "sangues de Jezreel", como também uma afirmação sobre a derrocada de Israel (1,4). Portanto, torna-se plausível aferir que a narrativa situa temporalmente o profeta e seus seguidores imediatos desde os últimos de dias do governo de Jeroboão II (788-747 a.e.c) até o reinado de Oseias, o qual se encerrou com a tomada de Samaria por parte dos assírios (722/720 a.e.c)[2].

Quanto a essa época, vale indicar a alta probabilidade de que, em alguma medida, a tradição de Oseias o coloca como contemporâneo de Amós. Mark Smith (2006, p. 92-93) aponta que, apesar de suas distinções, ambos os textos compartilham uma postura crítica que mescla questões sociais, econômicas e religiosas. Nesse sentido, parece haver um forte posicionamento de contrapartida ao poder monárquico.

Ainda sobre a caracterização dessa personagem, há que se perguntar se existem descrições que o texto utiliza para a relacionar com algum grupo social. Segundo Hans Walter Wolff (1974, p. 22), Oseias pertencia a um grupo levita, visto utilizar com ênfase certos termos como "*instrução*", "*direito*", "*aliança*" e "*conhecimento de deus*" (2,18.19; 4,1.6; 6,6.7; 8,1.12; 10,4; 12,1.6). Além de que, aparenta ter sido profundo conhecedor dos mitos fundantes de Israel, como a jornada do deserto/êxodo e o ciclo de Jacó (12,3-4.9.12-13; 13,4-5.15). Soma-se a isso, também, sua maneira profunda e clara de compreensão das estruturas religiosas e políticas de seu período (SILVA, 2012, p. 46-47). Todavia, salienta-se que, ao abordar e utilizar tais temáticas e linguagem, o texto carrega um forte teor de crítica. Portanto, ainda que se tente caracterizá-lo como pertencente a um grupo levítico, é importante, também, compreendê-lo a partir de sua posição marginal em relação à estrutura religiosa[3].

De forma semelhante, deve-se atentar que tais questões linguísticas e conceituais parecem relacionar esse texto profético com o pensamento deuteronomista (SAMPAIO, 2000, 138). Para Pixley (1990, p. 77-78), tal movimento teve origem em um grupo intelectual do reino de Israel que guardava, transcrevia e aplicava as memórias do povo para a realidade de seus dias. Entretanto, após a queda de Samaria, alguns dentre eles tornaram-se refugiados em Judá, onde suas tradições foram refiguradas em conformidade com as demandas sociais, políticas e religiosas vigentes. Tal processo se transparece nas alusões a Judá e na esperança idealizada de união entre os dois reinos, ideias presentes no texto analisado nessa pesquisa (1,1.7; 2,1-3) (FONTAINE, 1995, p. 49-50; LISBÔA, 2007, p. 760). Assim, a sua redação parece ter relação estreita para com esse turbulento momento, através do qual, passa por importante recepção e elaboração judaíta (MCCONVILLE, 2012, p. 340-341).

Dessa maneira, torna-se latente a necessidade de compreensão das complexidades sociais e históricas, a partir das quais são configurados os elementos que compõem o mundo do texto. Então, em sequência, o artigo se delineará, primeiramente, através de apontamentos sobre as memórias da transição entre a dinastia de Omri e Jeú. Após tal etapa, a análise se centrará na caracterização do reinado de Jeroboão II, sua ascensão, o declínio de seus sucessores em Israel, em contrapartida ao desenvolvimento da monarquia

[2] Delimitação das datas com base na pesquisa de José Ademar Kaefer (2020, p. 295-297).

[3] Ainda que essas indicações sejam usadas largamente nos intentos de se encontrar um "Oseias histórico", a presente pesquisa utiliza tais caracterizações como relevantes para compreensão da personagem que emerge dos versos do livro de Oseias, entendendo ser inviável uma empreitada de verificação da historicidade de tais figuras e da trama na qual se envolvem.

em Judá, especialmente com Josias. Por fim, será lançada luz sobre as tensões enfrentadas no cotidiano do povo que enfrentou essas drásticas transformações, com atenção detida aos períodos correspondentes ao poderio exercido por Jeroboão II, em Israel, e por Josias, em Judá. Portanto, pretende-se apresentar as questões concernentes às grandes estruturas, porém, sem obliterar a concretude dos dilemas que envolveram as pessoas mais simples daquela sociedade.

2 O primeiro estado de Israel

A fim de se alcançar um claro entendimento sobre a história do Reino de Israel Norte, se faz necessário questionar e reconstruir certos paradigmas de análise. Um deles e, talvez, o principal, é a consideração da narrativa bíblica como descrição fidedigna dos eventos concernentes à formação e desenvolvimento dos estados de Israel e Judá. Em tais relatos, a ideia de uma monarquia unida em tempos iniciais, assim como a constante supremacia de Judá, são instâncias apresentadas como realidade factível. De acordo com Israel Finkelstein (2015, p. 15), ainda que a ciência histórica pretenda alto grau de cientificidade, por muito tempo acabou observando a história do Levante com base em preconcepções judaítas, muitas delas advindas de textos da Bíblia[4].

É bem provável que algumas das fontes utilizadas pelos redatores judaítas para configuração dessa percepção histórica foram listas de reis, possivelmente de elaboração assíria e babilônica. Além disso, ressalta-se aqui a transmissão de tradição por parte dos refugiados israelitas, seja através da oralidade ou no partilhar de alguns escritos provenientes do século VIII a.e.c. (FINKELSTEIN, 2015, p. 20). Conforme aponta José Ademar Kaefer (2020, p. 399), houve um exponencial fortalecimento dessa construção de memória durante o reinado de Josias (640-609). Foi introduzido o conceito do Pan Israel, o qual apresenta a dinastia davídica como primordial à origem e formação identitária de uma monarquia unida entre Judá e Israel[5]. A partir de então, tanto a formulação das narrativas históricas, quanto a idealização da expectativa de "reunificação" dos reinos, fundamentaram-se nessa compreensão (SMITH, 2006, p. 87).

Tendo em vista tal constatação, é relevante buscar novos olhares para a reconstrução das origens da sociedade israelita, além da normatividade da tradição religiosa atrelada aos relatos bíblicos. De acordo com Mário Liverani (2014, p. 402), o império egípcio dominou com pesada mão a região do Levante desde os meados do décimo sexto até o décimo segundo século antes da era comum, quando, ao final, entrou em colapso. O período que se seguiu nessa região foi marcado pelo estabelecimento de algumas cidades, sedentarização de alguns grupos pastoris e grupos tribais, exercendo algum tipo de poder,

[4] "Ainda assim, Israel ocultou-se sob as sobras de Judá, tanto na história contada na Bíblia Hebraica, quanto na atenção prestada pela academia moderna. A história do Antigo Israel na Bíblia Hebraica foi escrita por autores judaítas em Jerusalém, a capital do Reino do Sul e eixo da dinastia davídica" (FINKELSTEIN, 2015, p. 15).

[5] Kaefer (2020, p. 399) considera esse movimento como reforma josiânica (2 Rs 22-23), com a qual, o monarca possuía um "projeto político expansionista da realeza de Jerusalém". Entretanto sua empreitada obteve um êxito muito maior em consolidar sua ideologia, do que, de fato, nas conquistas territoriais.

porém, sem uma hegemonia dominante[6]. Em consequência, Élcio Mendonça (2017, p. 262-265) indica que os primórdios de uma entidade territorial em Israel se remontam à segunda metade do século X a.e.c, quando a "Casa de Saul" reinava a partir de Gibeá, nas terras de Benjamin[7]. Não era ainda uma monarquia bem estabelecida e estruturada, visto que representava laços tribais e familiares, porém, já iniciava um processo de concentração populacional, expansão territorial e comércio lucrativo.

No entanto, parece que a organização efetiva do estado de Israel e sua monarquia se deu após o início do século IX a.e.c, em paralelo ao fortalecimento do reino de Damasco. Israel Finkelstein (2015, p. 107) aponta que, a partir desse momento, se estabeleceram esses "reinos territoriais plenamente desenvolvidos, com evidência de arquitetura monumental e grandes exércitos", os quais disputavam o domínio sobre a região do Levante com um terceiro poder, o Império Assírio. Esse marco na história de Israel se relaciona com a dinastia omrida, representada por quatro monarcas: Omri, Acabe, Ocozias e Jorão. O governo destes compreendeu um período de, aproximadamente, 40 anos (884-842 a.e.c).

Não seria exagero qualificar esses tempos como áureos para o desenvolvimento de Israel Norte, bem como de sua relevância no cenário político e econômico do Levante. É o primeiro momento em que se encontram informações extrabíblicas sobre esse reino (KAEFER, 2020, p. 393). A Inscrição de Kurkh de Salmaneser II, por exemplo, relata "Acabe, o israelita" como figura importante na aliança de oposição à Assíria, pois organizou a maior força de bigas no confronto de Carcar, datado em 853 a.e.c. Citando caso parecido, encontra-se a Estela de Tel Dã, advinda do final do século IX a.e.c, na qual, uma parte conservada de seu texto retrata o rei Hazel, de Damasco, dizendo que o rei de Israel entrou anteriormente na terra de seu pai, como provável referência a algum membro da dinastia omrida. Por fim, menciona-se a Inscrição de Mesa, erigida nos últimos anos do nono século, onde o rei de Moabe dá testemunho da expansão territorial israelita: "Omri, rei de Israel, humilhou Moabe muitos dias. [...] Omri tinha ocupado toda a terra de Madaba e habitou nela" (FINKELSTEIN, 2015, p. 108). Assim, torna-se nítido o contraste entre tais descobertas e a narrativa do livro de reis, ideologicamente enraizada no pensamento deuteronomista[8].

Uma das características sobressalentes da dinastia omrida tem que ver com a edificação de cidades com arquitetura peculiar e imponente, tais como Meggido, Samaria e Jezreel. Conforme Mario Liverani (2005, p. 129-132), essa empreitada foi singular em seu contexto, pois não se tratava apenas da construção de uma residência real, mas sim de todo um complexo administrativo e militar, enquanto sedes para um projeto ambicioso de

6 Liverani (2014, p. 402) afirma que havia um certo equilíbrio nas relações entre os grupos que habitaram no Levante nesse período, com exceção dos filisteus e amonitas. É provável que várias tribos e cidades tinham acordos para estabelecer temos de interação na produção agrícola, comércio e nos casamentos.

7 Memórias sobre essa liderança e sua região encontram lugar no texto bíblico, por exemplo, em 1 Samuel 9,1-14. José Ademar Kaefer (2020, p. 392) indica que "nesta unidade bíblica se encontram várias localidades aparentadas morfologicamente: Gibeá de Saul, Gibeá de Benjamin, Gibeá de Elohim, Gebá e Gibeon".

8 De acordo com Finkelstein (2015, p. 108), tal contradição não torna o relato bíblico como sem valor, antes alerta sobre a necessidade de lê-lo e interpretá-lo da maneira e na perspectiva correta. Esses ciclos de narrativa tendem muito mais para o desdobrar de uma idealização das figuras proféticas de Elias e Eliseu, do que textos de descrição histórica direta.

governo. Portanto, são demonstração de que havia entre eles um alto desenvolvimento técnico, bem como controle sobre a região circundante.

Dentre as localidades mencionadas, as questões relacionadas com Jezreel têm importância singular, por conta das menções que são feitas em Oseias 1,3-5 e 2,2. A construção da cidade e as atividades realizadas no vale como um todo desempenhavam função essencial para o desenvolvimento das atividades rurais, as quais eram fundamentais para a economia israelita. Por exemplo, é bem provável que tenha servido de centro de treinamento de cavalos, utilizados tanto para o fortalecimento de seu próprio poderio militar, bem como para exportação. Além disso, os óstracos de Samaria descrevem que as terras dessa região eram frutíferas para produção de azeite e vinho, através dos quais estabelecia-se intenso comércio com Assíria e Egito (MENDONÇA, 2017, p. 269-270).

Entretanto, deve-se salientar aspectos que, aparentemente, não foram desenvolvidos. Conforme Finkelstein (2015, p. 142-143), a atividade da escrita ainda era rara e esporádica nesse período, sendo exponenciada apenas no século VIII a.e.c. Além disso, encontram-se poucas informações sobre culto no Israel da dinastia omrida, o que parece apontar para uma realidade de religiosidade descentralizada.

Em continuidade com a linha temporal, no momento que Jorão assentava-se no trono, a dinastia omrida foi retirada do poder. O texto de 2 Reis 9–10 narra que Jeú, comandante do exército, assassinou o rei e tomou o seu lugar. Para Pixley (1990, p. 48-49), a descrição do livro de Reis de que essa atitude recebeu apoio profético tende a transparecer um forte caráter religioso ao episódio, enquanto uma revolta contra opressão e injustiça da realeza. Por outro lado, Finkelstein (2015, p. 121) coloca que esse movimento provavelmente ocorreu sob apoio de Hazael, o rei arameu. Esse último apontamento parece extremamente plausível, tendo em vista a consonância com a estela de Dã.

A partir desse ponto, houve um considerável declínio em Israel. Segundo Kaefer (2020, p. 394), durante o reinado de Jeú (842-814) e seus sucessores imediatos, Joacaz (814-800) e Joás (800-788), boa parte do território anteriormente dominado foi tomada por Hazael, restando-lhes, praticamente, a estreita região de Samaria. No entanto, no decorrer do governo de Joás, houve um crescimento do poderio assírio, ao ponto que, seu conflito com Damasco enfraqueceu os arameus, possibilitando um novo desenvolvimento em Israel por meio do rei Jeroboão II, o qual será abordado no próximo tópico.

3 De Jeroboão II em diante, tanto em Israel, quanto em Judá

A transição do domínio sobre o Levante por parte dos arameus para os assírios representou questão fundamental para a fase de desenvolvimento israelita empreendida, principalmente, por Jeroboão II (788-747). Em consequência, vários dos territórios que haviam sido anexados pelos arameus, foram, então, reconquistados (KAEFER, 2020, p. 394-395). Apesar de ser reino vassalo da Assíria, Israel desfrutou de um período com tão grande prosperidade que, até mesmo, a narrativa deuteronomista a atesta, dizendo que "Jeroboão fez restabelecer as fronteiras de Israel, desde a entrada de Hamat até o mar de

Arabá" (2 Rs 14,25a)[9]. Portanto, houve recuperação efetiva de poderio militar, comercial e territorial, à semelhança dos tempos omridas.

No que tange a economia, constata-se que seu engrandecimento estava intimamente entrelaçado com a produção agrícola. Para tanto, Cecília Toseli (2015, p. 13-14) aponta que ocorreu um processo de aumento populacional significativo nos vales férteis, através do assentamento de diversos grupos advindos das montanhas (arameus, fenícios e moabitas). Foram mão de obra essencial para o cultivo e colheita dos três principais produtos de suas terras: vinho, trigo e azeite. Esses não serviam apenas para o abastecimento do próprio povo, pelo contrário, eram destinados ao comércio com outras nações do Levante, atividade que tomou extrema relevância nesse período.

A intensa exportação da produção rural das terras israelitas é atestada pelos ôstracos de Samaria[10], os quais, segundo Israel Finkelstein (FINKELSTEIN, 2015, p. 160-162), podem ser datados da segunda metade do século VIII a.e.c. Neles foram encontradas descrições sobre as atividades realizadas no governo de um rei, cuja identificação mais provável é de Jeroboão II. Há referências sobre diferentes tipos de azeite e vinho, bem como menção às localidades próximas a Samaria e nomes de alguns oficiais. Apesar de não relatar especificidades sobre as transações com outros estados, torna claro que havia uma produção agrícola de altíssimo nível. Além disso, a criação de treinamento de cavalos parece ter sido revitalizada nesses tempos, agora não mais em Jezreel, que fora destruída no ataque Assírio, mas em Meggido. É possível, até mesmo, afirmar que Jeroboão foi o principal fornecedor de cavalos de guerra para os povos do norte (TOSELI, 2015, p. 13-14).

Ainda sobre os vestígios do alto desenvolvimento durante esse reinado, vale ressaltar a importância de Kuntillet 'Ajrud, um sítio localizado no nordeste do Sinai. Ficava a uma distância de 15 quilômetros a oeste de Dar bel-Ghaza e 50 quilômetros ao sul de Cades Barnéia, na antiga estrada em direção a Elath e ao sul do Sinai. De acordo com Nadav Na'aman (2006, p. 231-232), ali funcionava um centro comercial para as caravanas que empreendiam esse caminho, possivelmente na primeira metade do século VIII a.e.c. Nas escavações empreendidas nesse local, foram descobertos diversos desenhos, inscrições em hebraico e fenício, restos de tecido e um alto número de cerâmica. A análise da maioria dos itens encontrados coaduna com a ideia de que Israel coordenava esse centro, sob o governo de Jeroboão II, em cooperação com os fenícios.

Além das questões comerciais, os achados nesse sítio também proporcionam informações acerca das vivências religiosas entre os israelitas nesse momento histórico. Liverani (2005, p. 158) aponta para duas inscrições que mencionam "YHWH de Samaria"[11] e "YHWH de Temã"[12], as quais parecem relacionar tais localidades com o culto a essa

9 2 Reis 14,28 também descreve a expansão territorial de Israel nos dias de Jeroboão II, porém, Finkelstein (2015, p. 159-160) adverte a não tomar como plenamente histórica a informação de que o monarca "recuperou para Israel Damasco e Hamat".

10 Foram encontrados 63 ôstracos através de escavações em Samaria. Sua datação é relativa ao 8º século e testemunha "a existência de um sofisticado sistema de cobrança de tributo destinado a Samaria e pago pelos donos de terras, cujos nomes constam nos referidos ôstracos" (KAEFER, 2020, p. 395).

11 Finkelstein (2015, p. 168) aponta que a construção histórica deuteronomista tentou tratar esse centro de culto de modo negativo, relacionando-o com Baal (1 Rs 16,32).

12 Liverani (2005, p. 158) indica que Temã era o antigo nome de Kuntillet 'Ajrud, enquanto Finkelstein (2015, p. 180) chama a atenção às menções na Bíblia Hebraica. Uma delas acontece

divindade. É possível que houvesse um movimento em direção ao estreitamento de laços entre religião e poder estatal, porém, ainda de forma inicial (FINKELSTEIN, 2015, p. 145, 168).

No entanto, é necessário ressaltar que isso não tem que ver com a ideia de uma uniformidade de adoração, seja em questão da divindade ou da forma de reverenciá-la. A título de exemplo, Monika Otterman (2006, p. 278) indica para a existência de inscrições em Kuntillet ʻAjrud e Khirbet el-Qom que se utilizam da expressão "YHWH e sua Aserah". Nesse sentido, é plausível atestar que esse período da monarquia foi marcado pela veneração de uma pluralidade de divindades (YHWH, Baal, El, Asherah, Astart, Anat etc.), ainda que um certo deus, talvez o próprio YHWH, tivesse maior influência nacional (SMITH, 2006, p. 89; LIMA, 2019, p. 38).

No entanto, por ocasião da morte de Jeroboão II, todos esses fatores que corroboravam para o desenvolvimento de Israel foram desestabilizados. Sequencialmente, Schökel e Diaz (1980, p. 196) apontam que ocorreu uma série de revoltas e assassinatos ligados à sucessão do trono. Seu filho, Zacarias, foi assassinado em um golpe de estado com apenas 6 meses de reinado e, assim, a dinastia de Jéu chegou ao seu fim. Posteriormente a esse momento, a monarquia israelita foi declinando de forma catastrófica (KEEFE, 2014, p. 823-824).

É importante também pontuar os fatores externos que se estabeleceram nesse interim. Entre os assírios, Tiglat-Pileser III (745-727) assumiu o trono e retomou a ideologia marcante de Salmanasar III, de que seu reinado deveria ser paralelo ao domínio universal do deus Assur. Em consequência, seu governo foi marcado por um avanço territorial feroz, que o levou em direção a Israel, tomando suas cidades paulatinamente, restando-lhe apenas a região montanhosa de Samaria. Até houve uma coalização siro-efraimita de resistência, porém, não foi capaz de subsistir às reações do império dominante. No entanto, após a morte de Tiglat-Pileser III e a ascensão de Salmanasar V (727-722), o rei israelita Oseias se aproveitou do momento de transição e decidiu se rebelar, atitude essa que lhe custou um altíssimo preço. Os assírios direcionaram suas forças para atacar Samaria, a qual foi derrotada entre 722-720 a.e.c[13] (FONTAINE, 1995, p. 44-45; FINKELSTEIN, 2015, p. 183; KAEFER, 2020, p. 395-396).

Dado o final trágico dessa seção da história do reino de Israel, vários de seus habitantes foram forçados a se refugiar entre outros povos, incluindo Judá, o qual ganhou muito com esse fluxo migratório. Conforme Mario Liverani (2005, p. 181), esse movimento resultou em um crescimento demográfico vertiginoso nas terras do sul[14], o que influenciou muito em seu desenvolvimento administrativo, econômico e arquitetônico. É bem provável que, dentre toda esse aglomerado de refugiados, havia técnicos das mais variadas áreas (engenheiros, técnicos, escribas etc.), bem mais elaboradas em Israel do que em Judá.

em Jeremias 49,7-8, que o relaciona com Edom e Dadã, ao ponto que a outra, em Habacuque 3,3, o coloca em paralelo com o monte Parã. Nesse sentido, tal questão parece continuar aberta.

[13] José Ademar Kaefer (2020, p. 396) explica que tal inexatidão quanto à data da queda de Samaria tem que ver com a divergência entre fonte. Por um lado, as crônicas da Babilônia indicam que Salmanasar V foi o responsável por tal empreendimento, por outro, o relevo do palácio assírio de Khorsabad aponta Sargon II como o conquistador dessa cidade. Portanto, uma possibilidade para resolver tal discordância é a de que o primeiro rei deu início à expedição, porém, o segundo é que a encerrou.

[14] Finkelstein (2015, p. 184) indica que "a população de Judá pelo menos dobrou, se não triplicou, num período muito curto de tempo".

Enquanto exemplos dessas transformações, estão a escavação do túnel de Ezequias (2 Rs 20,20) e a edificação da grande muralha de Laquis (KAEFER, 2020, p. 396-398).

Outra questão relevante quanto a esse momento singular, tem que ver com o fato de que esses refugiados israelitas carregaram consigo suas tradições culturais e religiosas. As memórias quanto aos mitos fundantes do ciclo de Jacó e da jornada do Êxodo, assim como relatos e proclamações de seus profetas, incluindo, provavelmente, as tradições presentes em Oseias. Por conseguinte, esse intenso processo de transmissão do arcabouço de memórias de Israel, em meio à convivência com os judaítas, resultou na refiguração delas. Desse modo, materiais como os livros de Oseias, Amós e Primeiro Isaías parecem ter sido fruto dessa fusão de horizontes[15] (KAEFER, 2020, p. 397-398).

No entanto, a construção mais clara e bem desenvolvida de uma idealização que servisse à união desses reinos ocorreu apenas em Josias. Esse monarca promoveu um novo modelo de compreensão da história de Israel e Judá, bem como da direção de YHWH no decorrer desse processo, no qual o primeiro teria sua glória obliterada e o segundo seria exaltado. Houve uma assimilação das tradições israelitas, porém essas foram subordinadas por uma concepção de origem unificada desses dois povos, em uma monarquia divinamente estabelecida em Jerusalém. Nesse sentido, o Israel original era composto por todos os grupos hebreus que, em decorrência da rebeldia para com YHWH, foram separados. Todavia, propagou-se um discurso esperançoso quanto à reunificação dos povos, governados pela dinastia davídica e dedicados à adoração exclusiva a YHWH, desde seu templo em Jerusalém (FINKELSTEIN, 2015, p. 186-188).

Manifesta-se com clareza que, através da constituição desse ideal Pan Israelita, Josias objetivava exaltar seu poder real, expandir seu domínio territorial e controlar o culto (LIVERANI, 2014, p. 413; FINKELSTEIN, 2007, p. 137). Em conformidade com Amihai Mazar (2007, p. 205), pode-se dizer que esse período representa, de fato, uma movimentação efetiva de centralização da religião e estreitamente de seus laços com a monarquia. Foi um projeto de poder que deixou marcas organizacionais, mas sobretudo, ideológicas[16].

Por fim, salienta-se a importância da compreensão dos processos históricos até aqui apresentados, com fins de aproximação da realidade que participou da gestação dos textos atribuídos a Oseias. Assim, ainda que já houvesse de certas tradições e memórias relacionadas à figura desse profeta, é bem provável que maior parte da elaboração dessa personagem e a narrativa de suas tensões familiares foi elaborada em Judá. No entanto, além disso é necessário, também, se questionar se o estudo sobre as dinâmicas das macroestruturas de poder é suficiente para o entendimento desse contexto formativo. Portanto, torna-se importante, também, observar com atenção e tentar apreender a concretude das tensões e fissuras sociais formativas dessa sociedade, tal como se propõe fazer a seguir[17].

[15] Expressão relacionada ao processo hermenêutico, compartilhada por Gadamer e Ricoeur, em que se busca referir a potencialidade da linguagem em fazer contextos distintos se encontrarem (PAULA, 2011, p. 196-197).

[16] José Ademar Kaefer (2020, p. 399) sugere que os planos de extensão territorial de Josias não se concretizaram. No entanto, a formação do imaginário de um Israel único foi determinante para a compreensão identitária de muitas gerações futuras.

[17] Essa postura tende à compreensão dos conflitos sociais como um emaranhamento de poder, onde se deve atentar para as relações como um todo, em suas complexidades, contrariedades e tensões. Como afirmou Michel Foucault (2005, p. 35): "O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e, também, de exercê-lo".

4 Da história para a redação dos textos: as tensões sociais que atravessaram Israel, nos tempos de Jeroboão II, e Judá, nos tempos de Josias

4.1 Concretude do viver social em Israel no século VIII a.e.c.

As mais recentes descobertas arqueológicas tornam quase impossível a negação da prosperidade econômica vigente durante o reinado de Jeroboão II. Cidades de opulentes traços arquitetônicos, burocratização dos serviços administrativos, desenvolvimento da escrita e profissionalização militar são traços marcantes desse período. No entanto, Finkelstein e Silberman (2019, p. 198-200) também sugerem que desse momento emergem as primeiras informações sobre protestos proféticos, citando os mais antigos oráculos de Oseias e Amós. Para esses, o apogeu da estrutura monárquica se deu com um custo muito alto para as pessoas mais simples do povo. Nesse sentido, torna-se essencial tentar lançar um olhar atentivo sobre as relações de poder latentes à realidade do texto de Oseias.

O primeiro ponto que se deve salientar tem que ver com a distribuição da terra, visto que, para obtenção de uma produção agrícola massiva e mais lucrativa, a via mais fácil é a monopolização das terras. Nancy Cardoso (2019, p. 130) afirma que, com o aumento da tributação sobre os frutos do trabalho rural, as áreas do vale de Jezreel transformaram-se em latifúndios dominados por uma pequena elite rica, possivelmente associada à aristocracia das grandes cidades e seus templos. Portanto, os camponeses eram forçados a pagar elevado valor em arrendamento e impostos, ou seja, era através da opressão deles que as altas despesas dos mais abastados eram sustentadas.

Além das tensões internas, as relações com os outros estados geravam demandas cada vez maiores de exportação daquilo que era produzido no solo israelita. Nos tempos de Jeroboão II, o comércio com os outros povos era intenso, ao ponto que, resultava em uma dura carga de trabalho daqueles que gastavam sua vida no árduo cultivo da terra (FONTAINE, 1995, p. 41). Sendo assim, deve-se atentar às formas diferentes de como esses processos políticos e econômicos eram sentidos pela população israelita, inclusive por aqueles grupos representados nos textos de Oseias.

Levando em conta tamanha necessidade produção rural, nota-se, de igual modo, um contingente bem maior de mão de obra. Quanto a isso, Finkelstein (2015, p. 137) indica que tal carência foi suprida por um largo crescimento populacional[18]. Tânia Sampaio (1999, p. 40) levanta a hipótese de que a intensificação dos ciclos de colheita levou o reinado a promover uma aceleração no processo reprodutivo de seu povo, desrespeitando inclusive o tempo necessário para recuperação de uma gestação para a outra[19].

No que tange a essa situação, ainda que todos os membros do núcleo familiar sofressem com essas alterações no cotidiano, deve-se notar que a situação era ainda mais tênue para as mulheres. Abma (1999, p. 12) aponta que havia uma diferença abismal entre

[18] Através da utilização de um coeficiente de densidade populacional, Israel Finkelstein (2015, p. 137) sugere que uma estimativa de 350 mil habitantes em meados do século VII a.e.c no Reino de Israel. Isso equivaleria a mais que o triplo da população da população judaíta.

[19] Sampaio (1999, p. 47) aponta que tempo médio do intervalo de amamentação dos filhos variava entre dois e três anos. Para ela, o texto de Oseias 1,8 representa uma aceleração desse importante período.

os direitos e deveres delas e dos homens, visto que a poligamia, o regozijo do prazer e a honra dos filhos eram, praticamente, exclusivos deles. Enquanto isso, a figura feminina era instrumentalizada para a fertilidade e submissão ao homem, como também ao estado. Portanto, é plausível sugerir um paralelo entre o corpo da mulher e a terra, ambos tratados como propriedade do masculino, sendo utilizados em prol de um projeto de poder (CARDOSO, 2019, p. 131).

A partir da compreensão dessas tensões sociais, surge o questionamento do modo como elas se relacionam com a religião. Cecília Toseli (2015, p. 14-15) compreende que as relações domésticas, o trabalho no campo e as práticas cultuais eram tecidas conjuntamente com a noção da fertilidade. Dessa forma, as alterações das relações familiares e com a terra se interligaram com as vivências religiosas, em suas transformações e estreitamento de laços com o poderio estatal.

Ao se aproximar das experiências de culto no Reino de Israel, faz-se necessário questionar certas concepções que são dadas como prontas pela tradição deuteronomista e suas recepções. Por exemplo, Alice Keefe (1995, p. 72-73; 2001, p. 42-43; 2014, p. 826) confronta a construção de uma dicotomia entre o culto israelita a YHWH e os cultos de fertilidade dos cananeus. O primeiro é tido como a religião original dos israelitas, caracterizado por dimensão transcendente, ética e opositora a qualquer sincretismo. Quanto ao segundo modelo, desenvolveu-se, inclusive, um imaginário que o concebe como animalesco e sexualizado. Todavia, não há evidência histórica ou textual de que a atividade religiosa erotizada tinha predominância no Levante. Além disso, é bem provável que YHWH e outros deuses eram venerados simultaneamente, inclusive em cultos de fertilidade promovidos pelos habitantes de Israel.

No entanto, quando se deu o enrijecimento da monarquia, tornaram-se um pouco mais claras as esferas de prática religiosa. Cecília Toseli (2015, p. 8-9) as divide em três: doméstica, local e nacional. A primeira tinha que ver com as vivências cotidianas da família com as divindades em seus próprios lares. A segunda ocorria em pequenos santuários ao ar livre. Já a terceira, era relacionada com os templos reais, onde eram exaltadas as divindades protetoras da nação. Parece até plausível que YHWH tivesse ocupado esse posto, porém, isso não excluía a relevância e adoração a outros deuses e deusas, tais como Baal, El, Asherah, Astarte e Anat (LIMA, 2019, p. 38).

Dada a crescente magnitude do reinado em Jeroboão II, o controle dos cultos também foi se intensificando, visto ser instrumento de dominação sobre a massa camponesa. Após sua morte, o trono israelita se enfraqueceu, as tributações destinadas a Assíria se multiplicaram e os conflitos se aproximaram. Em consequência, a população pobre de Israel teve suas relações com família, terra e religião ainda mais fragilizadas.

É nesse ponto crucial da história que se erguem profetas alçando sua voz em favor daqueles que estavam sendo silenciados[20]. Milton Schwantes (1982, p. 117, 123-124) identifica Oseias e seus seguidores como opositores da monarquia, tanto na pessoa de Jeroboão II, quanto em seus sucessores. Os textos atribuídos a esse profeta se encontram

[20] Apesar de se harmonizarem quanto ao conflito com a realeza, os profetas Amós e Oseias, que compartilharam esse mesmo período histórico, possuem nítidas diferenças em suas abordagens. Para Alice Keefe (2001, p. 204), enquanto o primeiro denuncia a opressão, injustiça e pobreza em um nível mais geral e estrutural, Oseias parece centralizar suas críticas às consequências dessas sobre a intimidade e o cotidiano das pessoas, em suas relações familiares e. principalmente, em suas vivências religiosas.

entrelaçados com as memórias sobre Jacó e o êxodo, pois são solo fecundo para esperança de libertação e dias melhores.

Nessa perspectiva, a compreensão mais clara das tensões sociais circundantes ao Israel do oitavo século lançam valiosa luz para interpretação dos textos de Oseias. Com tais apontamentos, porém, não se intenta comprovar alguma historicidade da narrativa no período do VIII século A.E.C, mas sim compreender o mundo que a narrativa apresenta, o qual parece fazer memória a esse contexto. Desse modo, compreende-se que foi, também, a partir dessa dura realidade que os elementos constituintes do texto foram eleitos e configurados em narrativa-poética, a qual lança seus múltiplos sentidos como voz profética que nunca se cala, mas sempre se ressignifica. Ainda assim, tendo em vista os traços judaítas da maior parte de sua redação, se faz necessário lançar o olhar para o contexto social em que o texto possivelmente foi gestado, ao menos sua maior parte[21]. Nessa perspectiva, enquanto próximo tópico dessa pesquisa, as tensões e questões sociais que envolveram o reinado de Josias serão apresentadas, tendo em vista, principalmente, a situação da população campesina do vale de Jezreel.

4.2 A tensões sociais dos habitantes do vale de Jezreel em face das dinâmicas políticas no reinado de Josias

Anteriormente, o movimento de enrijecimento do aparato estatal, bem como de centralização política e religiosa pôde ser percebido nos apontamentos relativos ao reinado de Jeroboão II em Israel. Em questão de relevância econômica e política na região do Levante, o governo desse monarca alcançou um patamar extremamente elevado, ao ponto de poder colocá-lo como clímax da realeza israelita. Entretanto, no que tange à centralização do culto e propagação de um ideário religioso, um movimento mais efetivo aconteceria apenas no Reino de Judá, no século VII a.e.c. (FINKELSTEIN, 2015, p. 169). Sob o domínio de Josias, a centralização do culto em Jerusalém e a exaltação da adoração a YHWH parecem ter se tornado aspectos centrais da política judaíta. Nessa perspectiva, é necessário se perguntar quanto aos meios utilizados para tentativa do cumprimento dessa agenda estatal, sua efetividade no cotidiano da população e as demandas sociais que dela resultaram.

Um questionamento que emerge dessa perspectiva de análise de tal momento histórico, tem que ver com historicidade da narrativa de 1 Reis 22 e 23 sobre o governo de Josias. Christoph Uehlinger (2019, p. 427) apresenta sérios questionamentos sobre sua veracidade, tendo em vista não apenas o distanciamento temporal entre os eventos narrados e a redação do texto, mas, principalmente, a perspectiva nitidamente tendenciosa e ideológica através da qual ele foi escrito. Por consequência, ele aponta a necessidade de

[21] A fim de uma compreensão mais clara do que se propõe aqui, ressalta-se a importância de retomar a noção de mundo do texto e tríplice mimesis, tal como delineadas no pensamento ricoeuriano. Dessa forma, não se pretende as posturas nem do romantismo, na apreensão da alma do autor, nem de um estruturalismo, no mero destrinchar das "peças" que compõem a redação e historicidade do texto, mas sim o de compreender essa literatura como "ser no mundo" (RICOEUR, 2012, p. 63-67). Desse modo, os textos de Oseias, na medida em que apresentam suas personagens no contexto de Israel no oitavo século, ao mesmo tempo em que boa parte de sua redação se vincula ao Reino de Judá do final do sétimo século, lançam o desafio de compreender ambas as realidades históricas.

se buscar fontes primárias, através das descobertas arqueológicas e suas posteriores análises epigráficas e iconográficas. Essas parecem demonstrar que, apesar de o relato bíblico manifestar alto grau de exagero, houve, em certa medida, mudanças estruturais e políticas em Judá, porém, o âmbito que foi mais promissor tem que ver com a religião, ainda que motivada pelo fator expansionista (UEHLINGER, 2019, p. 456; ALBERTZ, 2019, p. 421; FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2019, p. 418).

Mesmo que se leve em consideração a discrepância do relato do livro de Reis, as dinâmicas do reinado Josias representam um importante marco na história de Judá, como também do Levante. Logo, ressalta-se a importância de compreender os fatores que propiciaram tal empreitada.

Os meados e décadas finais do século VII a.e.c. assistiram a derrocada do império Assírio, após mais de cem anos de intensa dominação. Mesmo que os motivos para esse declínio sejam difíceis de se estabelecer, é factível apontar que tal momento propiciou a possibilidade de renascimento político e militar de uma potência que passara tempos enfraquecida, o Egito. Em sequência, o Faraó Psamético I alcançou a união e liderança sobre a aristocracia egípcia, angariando forças para retomar boa parte da região do Levante, até então controlada pelos assírios. Portanto, devido a maior liberdade com que os egípcios exerceram seu poder sobre os reinos que ali habitavam, Judá teve a oportunidade de fortalecer seu estado (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2019, p. 426-427; ALBERTZ, 2019, p. 421).

Enquanto isso, a monarquia judaíta passava pelos percalços da morte do rei Amon pelas mãos de conspiradores que eram membros de sua corte. No entanto, grandes proprietários de terra, conhecidos como "povo da terra", lutaram contra eles, os mataram e subiram ao trono o jovem herdeiro do monarca assassinado, Josias (KAEFER, 2018, p. 152). Então, com o apoio dessa influente e poderosa camada social e convivendo em um período de considerável paz, esse rei pôde agir firmemente em sentido de expansão territorial, hegemonia política e no fomento da ideologia nacionalista do "Pan-Israel". Ainda assim, é bem plausível apontar que, dentre todas essas ações, a última foi a mais bem sucedida (NA'AMAN, 1991, p. 58).

Sobre a relação entre esse movimento político e o fenômeno religioso em Judá, Finkelstein e Silberman (2019, p. 416) apontam que a narrativa de Josias representa um dos momentos de maior significado metafísico na elaboração da história deuteronomista. Essa personagem, suas ações e ideais tomam caráter de cunho messiânico, tornando-se, inclusive, paradigma para a construção e refiguração de tantas outras tradições e narrativas israelitas e judaítas, tais como a aliança do Sinai e a missão de Abraão em ser adorador unicamente de YHWH. Desse modo, é plausível aferir que "Josias era o ideal para o qual toda história de Israel estava se dirigindo" (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2019, p. 416).

Entretanto, a aproximação desse movimento não pode ser separada da ênfase nas medidas políticas de Josias. Kaefer (2018, p. 152-154) indica que a reforma josiânica não tinha apenas um caráter religioso, pois tinha como força motriz a sua política expansionista, a fim de estender o controle da monarquia para bem além da circunvizinhança de Jerusalém, encaminhando-se até mesmo para a região norte. Finkelstein e Silberman (2019, p. 431) apontam que tal processo envolveu a transmissão tanto dos princípios religiosos do javismo de Jerusalém[22], como também o partilhar dos princípios éticos do

[22] Um dos elementos enfatizados no texto de 2 Reis 23 é o da celebração da Páscoa em Jerusalém, enquanto um evento de suma importância para todo o reino (KAEFER, 2018, p. 155). Assim,

deuteronomismo quanto ao cuidado com os socialmente vulneráveis. Entretanto, eles também afirmam que tal postura não representa a totalidade desse movimento. Medidas violentas foram tomadas com alto rigor para demonstrar a soberania monárquica, tais como a destruição dos lugares altos, encerramento dos templos menores espalhados pelo interior e proibição das atividades de seus sacerdotes e sacerdotisas (KAEFER, 2018, p. 152). Nesse sentido, emerge a percepção da tamanha instabilidade social que essa dinâmica governamental gerou nas comunidades no interior e ao norte de Jerusalém.

Quanto a isso, o episódio narrado em 2 Reis 23,15-20 parece refletir bem o modo violento com que se deu a expansão territorial e religiosa de Jerusalém. Nesse texto as empreitadas militares de Josias na direção norte são descritas, especificando as cidades de Betel e Samaria. Na primeira localidade ele não apenas destruiu o lugar alto, como também profanou seu altar, queimando sobre eles os ossos de cadáveres sepultados em um monte próximo. Em sequência, a investida sobre Samaria mostrou-se ainda mais drástica, pois, além de destruir os santuários, matou todos os seus sacerdotes e queimou seus ossos sobre os altares. Dessa forma, a trajetória da dominação judaíta nos caminhos do norte se deu de modo opressivo, possivelmente com forte intenção de tomar o controle dos vales férteis e suas cidades.

Dentre a vasta e importante região do Norte, percebe-se que havia um grande interesse pelo vale de Jezreel e, especialmente, pela imponente cidade de Megiddo. Era uma das áreas mais disputadas da região do Levante, tendo em vista sua extrema fertilidade, tal como sua localização estratégica para expedições militares e trajetos para exportação comercial (KAEFER; MENDONÇA, 2019, p. 127). Nessa perspectiva, Erich Clines (2000, p. 10-11) caracteriza essa localidade com a expressão "periferia contestada", tendo em vista que, apesar de seu distanciamento em relação às capitais dos grandes reinos, as atribuições já mencionadas a tornavam alvo de grande interesse geopolítico no Antigo Oriente Próximo.

Em concomitância com a percepção do potencial político, econômico e militar dessa região, vem a constatação de que ela acabou se tornando palco de numerosas e desastrosas batalhas. Após o declínio do reino de Israel no final do oitavo século, boa parte do vale de Jezreel e a cidade de Megiddo passaram para o domínio da Assíria, até que, por conta de sua derrocada, em algum momento entre 646 e 616 A.E.C, foram tomadas pelos egípcios (MALAMAT, 2001, p. 291). Foi então que, tirando proveito desses processos de transição, Josias direcionou seus esforços para conquistar influência nessas terras através de seu movimento expansionista, apregoando o ideal Pan-Israelita (MALAMAT, 2001, p. 282 e 291).

As consequências da mobilização judaíta em direção ao Norte parecem ter custado um alto preço para seu governante, a sua própria vida, situação essa que se encontra descrita, até mesmo, em 2 Reis 23,28-30. A interpretação da morte de Josias como o resultado do confronto entre Egito e Babilônia, quando Judá teria formado uma aliança com esse último e fomentado, então, uma batalha direta com as forças do primeiro nos campos de Megiddo, é vista como muito improvável por Finkelstein e Silberman (2019, p. 440). Em grande parte, essa compreensão histórica é devida ao posicionamento de alguns pesquisadores que tomam o relato de 2 Crônicas 34-35 como fidedignos historicamente. Assim, Josias teria retomado, de fato, o domínio sobre todas as terras que já tinham pertencido a

é possível compreender um pouco mais sobre a relevância das refigurações do mito do êxodo para esse momento histórico, atestadas inclusive no texto de Oseias.

Judá e Israel. Teria ele, então, construído uma fortaleza própria em Megiddo, feito uma aliança com a Babilônia e oferecido resistência bélica contra a expansão egípcia[23].

A partir de outra perspectiva, Nadav Na'aman (1991, p. 51-51) indica que o enfrentamento de Josias e o Faraó Neco II se deu na confluência de outra situação. Em conformidade com a tradição real egípcia, após a morte de seu pai Psamético I, Neco deveria estabelecer publicamente o poderio de seu trono através da reiteração dos acordos e declarações de fidelidade tanto de seus cortesãos, quanto dos líderes de reinos vassalos. Assim, a empreitada real pelas terras do Levante parece representar o percurso do Faraó Neco II para encontrar-se com os reis daquela região, mostrar-lhes o seu poder e conjurar a lealde desses para com o trono do Egito. No entanto, é provável que, quando soube da política expansionista e centralizadora de Josias, interpretou-a como ato de rebeldia e, assim que o encontrou, tirou-lhe a vida, transmitindo intimidação e afirmação de poder para seus outros reinos subordinados.

A partir do estudo de tais dinâmicas políticas, não se intenta apenas compreender as tensões das macroestruturas, mas também oportunizar um olhar atento por entre as fissuras sociais, encontrando-se assim com os embates daqueles que habitavam essas terras. Os constantes conflitos que se davam no vale de Jezreel, as muitas alterações de dominação e a tentativa josiânica de mostrar seu poder e impor seu sistema religiosa foram fatores que afetaram drasticamente a vida do povo comum. Por consequência, muitas das perícopes de Oseias se mostram como textos que emergem em dialética com essas complexas e profundas tensões sociais, tal como se testifica na nomeação do primeiro filho do profeta e Gômer como Jezreel. Logo, escancara-se a íntima relação entre o profetismo e as tensões sociais que o cercaram.

5 Considerações Finais

Ao se aproximar do livro de Oseias, na perspectiva de um olhar sobre as questões históricas latentes em seu texto, percebeu-se a contingência eminentemente histórica do profetismo. Tal acepção não se deu no caminho de uma busca pela figura histórica, originária e única do profeta, mas na abrangência de uma longa tradição. Nessa perspectiva, destacou-se que, desde a localização temporal mencionada no primeiro verso, o texto e seu processo redacional parecem fazer referências à história da monarquia israelita como um todo, de seu surgimento até a queda e assimilação à comunidade judaíta.

Nesse sentido, com base nos novos paradigmas do fazer histórico e da arqueologia, indicou-se, de modo resumido, o poderio do reino de Israel no período omrida, sua supremacia em relação com Judá e o processo de transição do trono para a família de Jeú. Em seguida, constatou-se a renovação do engrandecimento monárquico nos tempos de Jeroboão II, sua influência no comércio da região do Levante, mas também, o declínio israelita que sucedeu sua morte. Como resultado, a queda de Samaria foi marco para movimento migratório israelita em direção a Judá, onde seus conhecimentos técnicos foram assimilados e suas tradições reconfiguradas, sendo utilizadas, inclusive, na formação de uma ideologia Pan Israelita, no período de Josias, a qual parece ter influenciado em muito a

[23] O trecho de 2 Crônicas 35,20-27 constrói uma narrativa repleta de detalhes do confronto de Josias com o Faraó Neco II, descrevendo, inclusive, um discurso do governante egípcio interrogando e apelando para que o rei judaíta desistisse da batalha e evitasse o sofrimento.

redação do texto aqui estudado. Por fim, buscou-se uma aproximação mais concreta do cotidiano social que permeou as críticas da profecia oseânica. Aferiu-se que, mesmo os momentos de apogeu da monarquia, não representaram, necessariamente, prosperidade para o povo simples do campo. Dessa forma, mostrou-se a relação intrincada entre vivências da fertilidade da terra, manifestação do corpo da mulher e das experiências religiosas, a qual não escapou das redes de poder tecidas em Israel e Judá.

Por fim, através de tais perspectivas, conclui-se que tal análise das conjuntas históricas do livro de Oseias não apenas gera o descortinar de seus sentidos, mas também os abre para outras percepções quanto às personagens, temas e tensões retratados. Como constatação do processo hermenêutico, sua interpretação amplia-se para além de uma decodificação, ou de um burocrático delinear de eventos sucessivos. Sob a luz das confluências concretas, o profetismo emerge em profícua dialética para com os ditames de seu tempo.

Referências

ABMA, Richtsje. *Bonds of Love*: Methodic Studies od Prophetic Texts with Marriage Imagery (Isaiah 50:1-3 and 54:1-10, Hosea 1-3, Jeremiah 2-3). Amsterdam: Van Gorcum, 1999.

ALBERTZ, Rainer. Why a Reform Like Josiah's Must Have Happened. *In:* GRABBE, Lester L. (Ed.). *The Hebrew Bible and History*: Critical Readings. Londres: T & T Clark, 2019. p. 21-44.

CARDOSO, Nancy. Conhecer os desejos da terra: profecias de Gomer no livro de Oseias. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, São Bernardo do Campo, v. 80, n. 2, p. 125-144, 2019. Disponível em: https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Ribla/article/view/9904. Acesso em: 31 mai. 2022.

CLINES, Erich. "Contested Peripheries" in World Systems Theory: Megiddo and the Jezreel Valley as a Test Case. *Journal of World-Systems Research*, Riverdale, v. 6, n. 1, p. 7-16, 2000.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa*: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2010.

FINKELSTEIN, Israel. King Solomon's Golden Age: History or Myth? *In:* SCHMIDT, Brian B.; FINKELSTEIN, Israel; MAZAR, Amihai (Eds.). *The Quest for the Historical Israel*: Debating Archaeology and the History of Early Israel. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007. p. 107-116.

FINKELSTEIN, Israel. *O Reino Esquecido*: Arqueologia e História de Israel Norte. São Paulo: Paulus, 2015.

FINKELSTEIN, Israel.; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia Desenterrada*: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados. Petrópolis: Vozes, 2019.

FONTAINE, Carole R. Hosea. *In:* BRENNER, Athalya (Ed.). *A Feminist Companion to The Latter Prophets*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KAEFER, José Ademar. *A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, 2018.

KAEFER, José Ademar.; MENDONÇA, Élcio Valmiro Sales. A escavação de Megiddo e a descoberta da tumba real. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 33, n. 1, p. 125-147, 2019. Disponível em: https: https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/9271. Acesso em: 31 mai. 2022.

KAEFER, José Ademar. Quando Judá se torna Israel. *Revista Pistis & Praxis*. Curitiba, v. 12, n. 2, p. 391-409, 2020. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/27100/24429. Acesso em: 31 mai. 2022.

KEEFE, Alice A. The Female Body, The Body Politic and the Land: A Sociopolitical Reading of Hosea 1-2. *In:* BRENNER, Athalya (Ed.). *A Feminist Companion to The Latter Prophets*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995. p. 70-100.

KEEFE, Alice. *Woman's Body and the Social Body in Hosea*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001.

KEEFE, Alice A. Hosea. *In:* YEE, Gale A.; PAGE Jr., HUGH R.; COOMBER, Matthew J.M (Eds.). *The Prophets*: Fortress Commentary on the Bible Study Edition. Minneapolis: Fortress Press, 2014. p. 560-592.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. Culto no Israel Norte, no século VIII a.C.: A concepção do livro de Oseias. *Revista de Cultura Teológica*. São Paulo, v. 27, n. 93, p. 25-53, 2019. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i93.40694. Acesso em: 31 mai. 2022.

LISBÔA, Célia Maria Patriarca. Cotidiano e violência: Uma leitura histórico-social de Oseias 1-3. *Fragmentos de Cultura.* Goiânia, v. 17, n.7/8, p. 757-774, 2007. Disponível em: https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/356. Acesso em: 31 mai. 2022.

LIVERANI, Mario. *Más Allá de la Bíblia*: Historia Antigua de Israel. Barcelona: Crítica, 2005.

LIVERANI, Mario. *The Ancient Near East*: History, Society and Economy. New York: Routledge, 2014.

MALAMAT, Abraham. *History of Biblical Israel*: Major Problems and Minor Issues. Boston: Brill, 2001.

MAZAR, Amihai. The divided Monarchy: Comments on Some Archaeological Issues. *In:* SCHMIDT, Brian B.; FINKELSTEIN, Israel.; MAZAR, Amihai. (Eds.). *The Quest for the Historical Israel*: Debating Archaeology and the History of Early Israel. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007. p. 159-180.

MCCONVILLE, J. Gordon. The book of Hosea. *In:* BODA, Mark J; MCCONVILLE, J. Gordon (Eds.). *Dictionary of the Old Testament*: Prophets. Downers Grove: InterVarsity Press, 2012. p. 330-348.

MENDONÇA, Élcio Valmiro Sales. *A Dinastia Omrida*: Reconstrução do Primeiro Estado Independente de Israel a partir da Bíblia e da Arqueologia. 2017. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Escola de Comunicação, Educação e Humanidades, São Bernardo do Campo, 2017.

NA'AMAN, Nadav. The Kingdom of Judah under Josiah. *Journal of the Institute of Archaelogy of Tel Aviv University*. Tel Aviv, v. 18, n. 1, p. 3-71, 1991.

NA'AMAN, Nadav. *Ancient Israel's History and Historiography*: The First Temple Period. Winona Lake: Eisenbrauns, 2006.

OTTERMANN, Monika. “Eu sou tua Anat e tua Aserá...” Yhwh e Aserá (não só) no livro de Oseias. *In:* DREHER, Carlos A.; MUGGE, Erny.; HAUENSTEIN, Iria.; DREHER, Isolde R. (Orgs.). *Profecia e Esperança*: Um tributo a Milton Schwantes. São Leopolfo: OIKOS Editora, 2006. p. 273-282.

PAULA, Adna Candido de. Paul Ricouer e a orientação ética das narrativas ficcionais: um problema hermenêutico. *In:* PAULA, Adna Candido de; SPERBER, Suzi Frankl. *Teoria literária e hermenêutica Ricoeuriana*: um diálogo possível. Dourados: Editora UFGD, 2011. p. 195-214.

PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres.* Petrópolis: Editora Vozes, 1990.

RICOEUR, Paul. *Time and Narrative*. Chicago: University of Chicago Press, 2012. v. 1.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. *Movimentos do Corpo Prostituído da Mulher*: Aproximações da profecia atribuída a Oseias. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SAMPAIO, Tania Mara Vieira. Oseas: Outra Profecía. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*. Quito, n. 35-36, p. 137-147, 2000.

SCHÖKEL, Luis Alonso.; DIAZ, José Luiz Sicre. *Profetas*: Introducciones y comentario. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1980. v. 2.

SCHWANTES, Milton. Profecia e Estado: uma proposta para hermenêutica profética. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 22, n. 2, p. 105-146, 1982. Disponível em: http://ism.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/1313/1264. Acesso em: 18 mai. 2022.

SILVA, Célio. *Sobre os cumes dos montes sacrificam.* 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, 2012.

SMITH, Mark S. *O Memorial de Deus*: História, memória e a experiência do divino no Antigo Israel. São Paulo: Paulus, 2006.

TOSELI, Cecilia. Oseias 13 e a condenação dos touros jovens. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, v. 32, n. 128, p. 458-473, 2015. Disponível em: https://revista.abib.org.br/EB/article/view/577. Acesso em: 31 mai. 2022.

UEHLINGER, Christoph. Was there a cult reform under King Josiah? The Case for a Well-Grounded Minimum. *In:* GRABBE, Lester L. (Ed.). *The Hebrew Bible and History*: Critical Readings. Londres: T & T Clark, 2019. p. 279-316.

WOLFF, Hans Walter. *Hosea*: A Commentary on the Book of the Prophet Hosea. Philadelphia: Fortress Press, 1974.